

## **Narrativas da Bôta nos Contos de Walcyr Monteiro**

*Rosiele Carvalho<sup>1</sup>*

*André Felipe Da Costa Cunha<sup>2</sup>*

*Douglas Junio Fernandes Assumpção<sup>3</sup>*

*Maria do Céu de Araujo Santos<sup>4</sup>*

**Submetido em: 18/10/2025**

**Aceito em: 21/11/2025**

### RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar como a representatividade da mulher ribeirinha da Amazônia paraense é apresentada em duas narrativas da bôta (*sic*) no contexto sociocultural do imaginário do povo ribeirinho. Este estudo interdisciplinar de cunho exploratório com abordagem qualitativa na análise de dois contos populares publicados por Walcyr Monteiro, em “Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia” (n. 03 e 05), publicados em 2000, sobre boto-fêmea, denominado bôta nos contos analisados, ser encantado que faz parte do ciclo da vida e das marés, entrelaçando o imaginário individual e coletivo com afetos e estilo de vida. O artigo se fundamenta, entre outros, no cimento social de Maffesoli (2010), no contexto sociocultural do imaginário de Laplantine e Trindade (1997) e dentro das estruturas das narrativas de Barthes (1975). A representatividade da mulher ribeirinha, nos contos da bôta, revela uma cultura cheia de riquezas com profundas marcas na comunidade melgacense.

### PALAVRAS-CHAVE

Representatividade; Mulher; Amazônia; Imaginário; Contos Populares.

## **Narratives of the Bôta in the Stories Walcyr Monteiro**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia - UNAMA. Correio eletrônico: [rosielebbaeta@yahoo.com.br](mailto:rosielebbaeta@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia - UNAMA.

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná, Prof. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA, Belém/Pará.

<sup>4</sup> Profa. Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia - UNAMA.

## ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how the representation of riverside women in the Amazon region of Pará is presented in two narratives of the *bôta* (sic) within the sociocultural context of the riverside people's imagination. This interdisciplinary exploratory study with a qualitative approach analyzes two popular stories published by Walcyr Monteiro, in "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia" (Nos. 03 and 05), published in 2000, about the female boto, called *bôta* in the analyzed tales, an enchanted being that is part of the cycle of life and the tides, intertwining the individual and collective imagination with affections and lifestyle. The article was based, among others, on the social cement of Maffesoli (2010), the sociocultural context of the imagination of Laplantine and Trindade (1997), and within the structures of Barthes' narratives (1975). The representation of riverside women in the *bôta* tales reveals a rich culture with profound influences on the Melgaço community.

## KEY-WORDS

Representation; Women; Amazon; Imagination; Folktales.

# **Narraciones de la Bôta en los Cuentos De Walcyr Monteiro**

## RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar cómo se presenta la representación de las mujeres ribereñas en la región amazónica de Pará en dos narrativas de la *bôta* (sic) dentro del contexto sociocultural del imaginario ribereño. Este estudio interdisciplinario de carácter exploratorio con enfoque cualitativo en el análisis de dos cuentos populares publicados por Walcyr Monteiro,, en "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia" (Nos. 03 y 05), publicado en 2000, sobre la bota femenina, llamada *bôta* en los cuentos analizados, un ser encantado que forma parte del ciclo de la vida y las mareas, entrelazando el imaginario individual y colectivo con los afectos y el estilo de vida. El artículo se basó, entre otros, en el cemento social de Maffesoli (2010), el contexto sociocultural del imaginario de Laplantine y Trindade (1997), y dentro de las estructuras de las narrativas de Barthes (1975). La representación de las mujeres ribereñas en los cuentos de *bôta* revela una rica cultura con profundas influencias en la comunidad de Melgaço.

## PALABRAS-CLAVE

Representación; Mujeres; Amazonia; Imaginación; Cuentos populares.

## **Introdução**

Walcyr Monteiro, natural de Belém do Pará, foi ex-jornalista por profissão, professor e escritor de contos populares ligados ao extraordinário, contidos em vários livros publicados. Em seu *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, exemplares n. 03 e 05, publicados em 2000, são contadas histórias diversas de lendas e mitos amazônicos. Dessas obras, este estudo destaca duas narrativas sobre o boto-fêmea (denominado bôta por Walcyr Monteiro), uma espécie de golfinho de água doce, que vive nas águas amazônicas. O boto-cor-de-rosa é um símbolo muito popular do imaginário amazônico e, nas comunidades ribeirinhas, contam-se histórias sobre este ser encantado, o qual, em dia de Festa de Santo, mais corriqueiramente nos meses de junho e julho, seduz e engravida meninas e mulheres das localidades ribeirinhas.

No entanto, as histórias da bôta, que encanta homens e leva-os para as profundezas das águas, revelam os valores e costumes das comunidades amazônicas, visto que se entrelaçam com comportamentos relacionados às meninas, adolescentes e mulheres na cidade de Melgaço, no Pará. Tais histórias de bôta compõem o objeto desta pesquisa e estão associadas à representatividade da mulher na sociedade ribeirinha.

A análise dessas narrativas também se insere no campo da folkcomunicação (Beltrão, 2001), pois evidencia como os contos da bôta funcionam como meios populares de transmissão simbólica e de preservação da memória coletiva ribeirinha. Ao circular oralmente entre gerações, essas histórias tornam-se instrumentos de comunicação comunitária, nos quais as mulheres reafirmam sua identidade e expressam resistências frente às imposições do patriarcado e das estruturas sociais dominantes.

Então, tem-se o objetivo de entender como essa representatividade da mulher ribeirinha da Amazônia paraense é apresentada pelas duas narrativas da bôta no contexto sociocultural do imaginário do povo ribeirinho. Esse estudo desvela o olhar sociocultural do papel da mulher ribeirinha, bem como seu impacto social direto na influência de comportamentos das comunidades tradicionais ribeirinhas nos seus modos de vida, convívio com seu território e forma de pertencimento ao lugar.

Os dois contos se passam em Melgaço, ilha do Marajó/PA, cujo contexto geográfico e socioeconômico está assim descrito: em 2013, tinha o pior Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil, o de 0,418, conforme o Censo de 2010 (UOL Notícias, 2013); extensão territorial de 6.772,764 km<sup>2</sup> e 27.881 pessoas em 2022 (dados do IBGE); o

percentual de gravidez na infância e na adolescência até 19 anos é de 26,71%; a taxa de mortalidade infantil foi de 9,54 mortes por 1.000 habitantes, em 2020; e foi registrada mortalidade materna de 158,98 mortes/100.000 nascidos vivos (Brasil, 2020).

Estes índices têm qualificação insustentável, especialmente porque o bem-estar humano e do ecossistema são tidos como base de sustentabilidade e de desenvolvimento da localidade (FAPESPA, 2021). Essa população vive em extrema pobreza, tendo a pesca, a agropecuária, o plantio e a coleta do açaí (base alimentar e de ocupação social) como principais atividades. Dessa maneira, crises climáticas influenciam o cotidiano dessas pessoas, primeiros a sofrerem com as mudanças climáticas.

As mulheres ribeirinhas de Melgaço são responsáveis, em sua maioria, pelo sustento das famílias. Acrescente-se a isso que, no período de 2000 a 2010, o percentual de mães chefes de família, sem ensino fundamental completo e com filhos menores de 15 anos, passou de 7% para 22,9% (CENSO, 2010). Apesar da falta de atualização dos números, a pesquisa revela a vulnerabilidade, em que essa comunidade vive e a importância do papel das mulheres nessa localidade.

Dentro desse panorama, emergem as duas narrações publicadas por Walcyr Monteiro (2000), mostrando os contos de encantamento da bôta-cor-de-rosa que se transmuta em uma mulher para seduzir ribeirinhos dessa localidade. Para essas mulheres, as palafitas são habitação e o rio é via de transporte, cujas águas são fonte de alimento e de vida.

Nesse contexto, os escritores de narrativas, em suas viagens e conversas são verdadeiros artistas no registro e na pesquisa de histórias narradas, representações da cultura e da identidade do povo da região alagada, em que a terra, a floresta e as águas são partes integrantes de um dos maiores biomas do planeta, a Amazônia. E este povo melgacense convive em harmonia com a natureza, como parte indissociável dessa relação.

Para fins metodológicos, este estudo tem cunho exploratório com abordagem qualitativa, em que o objeto de análise consiste em dois contos populares de Walcyr Monteiro intitulados “Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia” (n. 03 e 05), ambos publicados em 2000, sob os títulos “Uma mulher muito bonita” e “Uma Namorada e Dois Irmãos”, respectivamente. Esses contos foram escolhidos por abordarem a figura mítica da bôta-cor-de-rosa, personagem encantada, que assume forma feminina para seduzir homens ribeirinhos.

As categorias analíticas foram: estrutura narrativa, representação simbólica, imaginário coletivo e gênero. Desta forma a análise foi guiada por três principais referenciais teóricos: Roland Barthes (1975), cujas categorias narrativas permitiram a decomposição da estrutura dos contos; Michel Maffesoli (2010), com os conceitos de imaginário individual e coletivo e de "cimento social", usados para compreender o impacto simbólico dessas narrativas na vida comunitária; e Laplantine e Trindade (1997), que contribuíram com uma abordagem do imaginário enquanto campo afetivo, simbólico e representacional.

Ademais, a abordagem metodológica envolveu a identificação e interpretação dos elementos narrativos fundamentais a partir da estrutura proposta por Barthes: O plano de enunciação tem três níveis de análise: o nível fabular (o estudo da história ficcional), o nível atorial (as personagens) e o nível descritivo (as categorias de tempo e espaço) essas construções serão articuladas aos conceitos de imaginário coletivo Michel Maffesoli (2010) e representação simbólica do Laplantine e Trindade (1997).

Os contos foram analisados enquanto manifestações culturais que expressam valores e crenças coletivas, servindo como instrumentos de reprodução de normas sociais, sobretudo no que se refere aos papéis atribuídos às mulheres na Amazônia.

Além da análise textual, o estudo estabelece uma ponte entre o conteúdo simbólico das narrativas e a realidade social do município de Melgaço (PA), local de origem das narradoras e cenário dos contos de Walcyr Monteiro tratados neste artigo. Com isso, a metodologia combina a leitura crítica e interpretativa dos contos, a análise estrutural narrativa e a contextualização sociocultural, de modo a compreender como o imaginário fantástico da bôta atua na construção simbólica da identidade feminina ribeirinha.

Ademais, a análise pode contribuir na legitimação de normas patriarcais, as quais excedem o tempo-espaço da cultura amazônica, visto que “no período em que a História escrita estava sendo criada, as mulheres já viviam em condições de patriarcado, seus papéis, seu comportamento público e vidas sexuais e reprodutivas eram definidas por homens (...)” (Lerner, 2022, p.307).

Esse sistema patriarcal ocidental controla os corpos e territórios, silenciou os saberes das mulheres e de outros grupos ditos como minoritários, controlou a fertilidade na construção da maternidade sob a luta e a reivindicação da mulher sexualmente livre, autodeterminada e consciente de si mesma.

Portanto, se tem o tradicionalismo machista e o imaginário sexista dominante, que se mostrou factível à perpetuação e revigorar violência patriarcal (Federici, 2025). Esses saberes estão ligados sobretudo à relação com a vida e a natureza e sobretudo para as mulheres negras ribeirinhas da cidade de Melgaço pois sua população é de maioria negra com 84,37% da população (Atlas Brasil, 2017).

**Na primeira seção**, apresenta-se o tema, o objetivo da pesquisa, o contexto sociocultural de Melgaço e a figura do boto-cor-de-rosa no imaginário amazônico. **Além disso**, discutem-se os referenciais teóricos que fundamentam o estudo, como os conceitos de imaginário (Maffesoli; Laplantine e Trindade) e estrutura narrativa (Barthes). **Na segunda seção**, realiza-se a análise dos contos, aplicando as categorias narrativas e relacionando os elementos simbólicos às condições sociais e de gênero vividas das mulheres ribeirinhas.

## **Imaginário na Narrativa Sociocultural de Melgaço**

A representação do imaginário está ligada ao processo de abstração e à ideia, assim a imagem representa a construção configurativa traduzida pelos contos deste estudo. Demais, o imaginário, na perspectiva de Laplantine e Trindade (1997), faz parte do campo da representação das histórias narrativas de um povo originário da Amazônia paraense.

Dessa maneira, o fantástico Amazônico, contado nos contos de Walcyr Monteiro, destaca a transformação de um animal dócil das águas em uma mulher que seduz os homens ribeirinhos. Transmutando-se e ressignificando significados e significantes pela comunicação oral dos contos em comunidades que convivem com seres encantados, os quais representam mulheres no centro das narrativas e do imaginário individual e coletivo.

Nesse sentido, é pertinente citar Maffesoli (2010), o qual admite a existência de dois tipos de imaginário: o individual e o coletivo, numa interface entre o real e o imaginário, sentida pelas emoções, lembranças de afetos e estilos de vida, numa espécie de patrimônio que coliga as pessoas como um “cimento social”.

Nos contos da bôta, as mulheres se identificam com o reconhecimento de si no outro, o que pode ser classificado, na construção do imaginário individual, como estrutura, a qual pode se definir também pela apropriação, com o desejo de ter o outro (o homem)

para si e a distorção que demonstra a reelaboração do outro para si, podendo ser lida, nas narrativas, a sedução e o encantamento da bôta para com os homens (Maffesoli, 2010).

As narrativas de contos amazônicos são contadas de forma oral e passam de geração em geração, num processo de revisitação das reminiscências na narrativa, na ação da neta contanto a história do avô, bem como na narrativa de uma estudante contando histórias de outros. O imaginário tem, pois, um lugar na representação social, que ultrapassa a representação intelectual, formando símbolos em seus significantes e significados, que, na percepção de Laplantine e Trindade (1997), são polissemânticos, ultrapassando os sentidos, com caráter afetivo expresso em signos.

Então, os contos das bôtas são significantes adaptados à realidade de uma localidade, representando a mulher nas narrativas. A mulher é caracterizada, nos enredos de Monteiro aqui estudados, como bonita e sedutora, ora inspirando a desconfiança de um pai em relação à situação de seus filhos estarem encantados por uma mulher desconhecida ora gerando a reação imediata de um pescador em uma noite ao sair de uma festa.

Esse encantamento que muda o significado das narrativas nos contos traz a realidade de mulheres e meninas da localidade, que têm seus direitos violados, o que alerta para a necessidade de políticas públicas que cheguem a essas pessoas, as quais convivem com a vulnerabilidade alimentar, climática e de vida. Tal conjuntura, analogamente, está relacionada ao imaginário maravilhoso e fantástico.

Assim, a ficção literária precede qualquer descoberta científica. E, em muitas situações, os avanços tecnológicos e suas aplicações são relacionados ao imaginário de uma obra de literatura ficcional ressignificada por suas transformações. Por conseguinte, tem e-books, aparelhos eletrônicos e aplicativos no dispositivo móvel que democratizam os livros e as histórias neles contadas, o que acontece neste estudo, pois a edição é eletrônica em consenso com a modernidade.

Ademais, ainda existem histórias contadas pelos meios das grandes mídias como o rádio, a televisão, o cinema e os canais de *streaming* (séries), assim como percebido na teoria de Laplantine e Trindade (1997), alcançando novas pessoas, grupos e sociedades, contribuindo para sua permanência no imaginário.

A ficção está vinculada à cultura (fabular). Conforme definição do conceito de cimento social de Maffesoli (2010), a união do imaginário, em uma mesma atmosfera,

significa uma coletividade como parte do coletivo, o que ultrapassa o individual. Neste pensamento, o mesmo autor fala que o indivíduo influencia e é influenciado pelo entorno nessa relação com o imaginário.

A relação social com o imaginário se concretiza com as estimulações imaginais, causando intenso desenvolvimento tecnológico, sendo a técnica um fator de estimulação “imaginal” pelos meios de comunicação. E assim a comunicação pelo imaginário e na oralidade, na visão de Maffesoli (2010), faz-se pela tecnologia que se alimenta e é alimentada por imaginários nos aspectos socioculturais afetivos nas narrativas.

A razão, como processo cognitivo, encontra, no imaginário e no sentido da lógica interna, diferentemente do real, “a criação de uma outra lógica que desafia a própria lógica formal, que recria, reconstrói, reordena e reestrutura” (Laplantine e Trindade, 1997, s/p), o que está envolto à afetividade de “uma maneira de percepção de mundo que altera a ordem da realidade” (Laplantine e Trindade, 1997, s/p). É assim nos contos das bôtas, de Walcyr Monteiro (2000), que se coliga à realidade das mulheres que vivem em Melgaço.

As comunidades tradicionais ribeirinhas tiram seu sustento da terra, da floresta e das águas e ainda enfrentam desigualdades sociais e estruturais persistentes, que, no caso de Melgaço, vivem em áreas rurais com dificuldades de acesso à cidade, enfrentam desafios, como a falta de saneamento básico e energia elétrica, além da insuficiência de serviços essenciais, como de saúde e educação (CENSO, 2010).

A realidade consiste nas coisas, na natureza, na real interpretação e na relação que os homens atribuem às coisas e à natureza de maneira subjetiva, atribuindo, dessa maneira, significados aos contos. Assim, reordena-se a realidade encontrada no campo da interpretação e da representação do real de Laplantine e Trindade (1997). Então, tem-se o entrelaçamento da vivência cotidiana com as narrativas das bôtas que circulam no imaginário melgacense, destacando as percepções de representatividade das mulheres.

Logo, a fantasia ultrapassa as representações sistematizadas pela sociedade, inserindo outro real como nova forma de conhecer, perceber, interpretar e representar a realidade em uma lógica compartilhada pela coletividade, desafiando a crença na existência de seres extraordinários como a bôta e em experiências insólitas de encantamento, do extraordinário e da magia narradas no cotidiano das pessoas (Laplantine e Trindade, 1997).



As mulheres de Melgaço são representadas pelas extraordinárias águas amazônicas. Essas águas na literatura, fizeram surgir o conceito “aquonarrativa”, cunhado pelo escritor Paulo Nunes (2019) ao analisar a literatura paraense, mais especificamente o romancista Dalcídio Jurandir, mas é possível também perceber a influência das águas nas obras, entre outros, de Benedicto Monteiro e Ildefonso Guimarães. Essas narrativas, segundo Pojo *et al.* (2014), relatam que a cultura dos ribeirinhos são saberes ancestrais, em que o tempo e o espaço vêm do tempo da natureza (marés, rios, igarapés, furos e florestas).

Dessa forma, a bôta, parte mais vulnerável dessa sociedade, é relacionada ao papel social das mulheres negras de Melgaço, que, no contexto dos contos, acabam sendo mortas pelos homens numa projeção da cultura de um sistema patriarcal de opressão e violência em detrimento da mulher que pela imposição desse sistema diz que a mulher adequada é aquela que se restringe ao espaço doméstico legitimando punições e todo tipo de violência contra as mesmas (Frederici, 2025).

As narrativas populares como essas, são histórias narradas e contadas através dos tempos e renovadas a cada vez que são contadas. Para Barthes (1975), “a narrativa está em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades... transhistórica, transcultural, a narrativa está ali, como a vida” (p. 19-20).

## **Análises e Resultados**

O tempo efêmero dos contos do extraordinário amazônico paraense se passa nas atividades cotidianas dos moradores das localidades e se baseia nas construções de signos, com seus significantes e seus significados, que se transformam em informações e imagens obtidas pelas experiências visuais anteriores ao pensamento de natureza receptiva, como parte do ato de pensar (Laplantine e Trindade, 1997).

O contar e o escutar as narrativas trazem sentimento, construindo uma relação comunicacional, a qual mistura e ordena substâncias sustentadas pela linguagem, universalizando a narrativa em seus gêneros (Barthes, 1975). Assim, de acordo com a teoria barthesiana, pode-se revelar elementos estruturais da narrativa, que encanta tanto homens, quanto mulheres e crianças, influenciando o comportamento destes nas localidades onde vivem.

Importa salientar que as narrações, em ambos os contos, são de mulheres, estudantes e moradoras da cidade de Melgaço/PA, que se utilizam de uma figura masculina, a qual lhes apresenta e dá voz, contando o que elas contaram. Nesse cenário, são relevantes as considerações de Barthes (1975), para quem o narrador é quem fala de um universo imaginário e nele está contido, entendimento que afasta a presença de Walcyr Monteiro, escritor inserido no plano da realidade, e atrai um enunciador, ser, portanto, ficcional, imerso no imaginário, oriundo da necessidade de fabular, que o indivíduo possui.

Nesse sentido, no plano da enunciação, o narrador é independente do autor e correlata a mensagem ao destinatário, também imaginário, um outro leitor, imerso no ambiente amazônico, o qual não dialoga com Walcyr Monteiro, porquanto estão em ambientes distintos, ficcional e real respectivamente. Por conseguinte, na estrutura mínima da comunicação humana (emissor – mensagem – receptor), nos contos de botos-cor-de-rosa, esse narrador da esfera da enunciação deve ser classificado como narrador testemunha, o qual relata os acontecimentos, não se confundindo com o protagonista ou os demais personagens da narrativa.

Nas histórias dos contos, o autor identifica as narradoras com seus nomes, atividades ocupacionais e localidade em que nasceram. O conto “Uma Mulher Muito Bonita” tem como narradora Brígida Maria Lima Nogueira, estudante de Melgaço, que conta a história do avô. Já no conto “Uma Namorada e Dois Irmãos”, a narradora, é identificada Tereza Carvalho Rodrigues, também estudante e natural do município de Melgaço.

O plano de enunciação, pela teoria de Barthes (1975), é possível evidenciar três níveis de análise: o nível fabular (o estudo da história ficcional), o nível atorial (as personagens) e o nível descritivo (as categorias de tempo e espaço). No atorial, as personagens, nos dois contos, são pessoas simples que vivem na beira da praia.

No conto: “Uma mulher muito bonita”, por exemplo, há um pescador que nunca acreditou em histórias de seres encantados, com características de ser jovem, mulherengo e muito “saidinho”, que, acompanhado dos amigos em festa, dizia: “eu queria ver uma encantada dessa... Mas que fosse muito bonita...” (Monteiro, 2000a, p. 20). São imagens idealizadas obtidas pelas experiências visuais anteriores ao pensamento de natureza receptiva da mulher ideal em Laplatine e Trindade (1997).

O conto: “Uma namorada e dois Irmãos”, por sua vez, apresenta um pai e seus dois filhos rapazes, Jorge e Júnior, como personagens. O pai estava sempre desconfiado da mulher que estava andando com seus filhos, “não sabia quem era a mulher. Não a conhecia do Rio Laguna e adjacências” (Monteiro, 2000b, p. 20). Se entendendo que os personagens e narradoras são representações da sociedade local e a mulher bôta no centro da narrativa como causadora da maldade.

Quanto ao nível fabular, primeiro acontece o afastamento, quando o personagem principal se afasta de casa para uma festa de barco ou para vigiar seus filhos na água. Depois, na parte da transgressão, os personagens da narrativa: “Uma mulher muito bonita”, sentem os efeitos da sedução. Por outro lado, na história “Uma namorada e dois Irmãos”, acontece o banho demorado dos filhos e a diminuição do apetite (Monteiro, 2000a), assim “o pai falou para os filhos que aquela mulher os estava encantando e que não deveriam mais comer da comida que ela levava” (Monteiro, 2000b, p. 16).

Percebe-se na narrativa que o pai sabia que a bôta vinha visitar os irmãos toda noite e levava comida para eles, encantando-os. Quanto ao quesito engano, a bôta, como ser encantado das águas, metamorfoseia-se de golfinho para uma mulher, que usa a sedução e a beleza para enganar os homens escolhidos para serem suas vítimas.

A beleza e a sedução são vistas como padrões da feminilidade da mulher que pela construção do colonizador corresponde ao ideal branco que de maneira interseccional afeta a beleza negra como padrão inatingível de imposição patriarcal e capitalista (Eco, 2004; Federici, 2025). O belo é aquilo que agrada e atrai num privilégio do imaginário masculino, a sedução requer mais sentidos entre beleza, aparência e trejeitos femininos que agradam ao homem de acordo com a filosofia e mitologia grega (Eco, 2004).

Consequentemente, dá-se o início da ação contrária do herói, o qual prevê a maldade que pode acontecer. Aqui, medo e coragem, ao mesmo tempo, tomam conta da vítima: o pai fica à espreita para dar um tiro na mulher misteriosa e o pescador pega o terçado na esperança de afastar a mulher — “o pai, escondido atrás de uma touceira de açazeiros, sai do esconderijo e dá um tiro à queima-roupa, em cima do peito da mulher, com um revólver, que caiu na beira da praia” (Monteiro, 2000b, p.17).

Na outra narrativa, o pescador “não pensou duas vezes: passou o facão na cintura da mulher, que caiu na beira da praia, próxima ao barco, morta...” (Monteiro, 2000a, p.20). Acontece a vitória do agressor, o qual vence o medo e adquire a coragem de afastar

aquele mal, a sedução da mulher. Tais representações ganharam corpo no cotidiano das mulheres, com a aceitação do controle e domínio masculino, por intermédio de simbolismos e signos religiosos “de afastamento do mal” que criaram uma mentalidade universalizada da sedução da mulher, no que a torna desejável.

No que se faz pertinente essa subjetividade feminina, ao momento da concepção psicanalítica, do “ideal de ego”, se embasa como conduta adequada tanto para homens como para mulheres, que leva a dificuldade de escuta frente aos contextos de violência bem como a perpetuação de mais violência sistematizada de controle da mulher e nas relações assimétricas de poder (Monterani e Carvalho, 2016). Assim, dentro dessas percepções que inclui o imaginário ao contexto sociocultural da comunidade de Melgaço na teoria de Laplatine e Trindade (1997).

Na regulação da vida social (regras, valores e punições), como instrumento de controle introjetado nos indivíduos tomando assim um senso comum, o estereótipo em relação ao sexo feminino se vem mostrando eficiente ao preconceito e discriminação, como a construção de valores, crenças e saberes: “Se dá de caráter coletivo, da forma preexistente, num inconsciente coletivo, que são herdados e tornam-se conscientes com a experiência...” (JUNG, 2000, p. 54).

São atitudes naturalizadas e passadas de geração em geração, sem questionamento, com a realidade objetiva e subjetiva do mundo tal como é dada, levando assim a legitimação de papéis dos atores sociais, com o reforço de crenças disseminadas entre o imaginário social coletivo de coisificação e vulnerabilidade da mulher em espaços sociais e assim se confirma as colocações de Beauvoir (1967) que tem uma visão que a mulher foi criada para ser dona de casa e esposa devido construções culturais, sociais e políticas.

Superada a prova como jornada do herói e com a mulher afastada e morta (ou seja, com a eliminação do mal) há revelação do fantástico/maravilhoso na transmutação da mulher em bôta-cor-de-rosa. Essa revelação transcorre quando o pai pega as pernas da mulher baleada e coloca-as no rio: “a parte inferior da mulher metamorfoseou-se em bôta, permanecendo da cintura para cima em forma de mulher... (Monteiro, 2000a, p. 17)”.

À semelhança, ocorre a revelação de outra transmutação, quando o pescador, voltando ao local do acontecido, no dia seguinte, encontra um corpo morto — “(...) sim!

Só não era de uma mulher loura: era de uma bôta, cortada bem no meio, à altura daquilo que seria a cintura de uma mulher... (Monteiro, 2000b, p. 20).” Ademais, se confirma o sistema patriarcal onde o machismo tem seu papel principal e é o herói e protetor da família e da própria vida do imaginário social em Laplatine e Trindade (1997).

Portanto, para análise crítica dessas narrativas, se tem a confirmação de que a violência de gênero é um instrumento de controle sob as mulheres e disciplinamento exercido pelo sistema patriarcal que determina sobre a vida e morte de corpos das mulheres, reforça a privação da vida dessas mulheres (Federici, 2025).

Reforça-se a violência sistêmica e estrutural da sociedade que revela a exploração da mulher no ambiente doméstico na sua reprodutividade, ou seja, o trabalho reprodutivo que na região de Melgaço contribui com a morte prematura da mulher grávidas até a idade de dezenove anos. Retirando essas mulheres do ambiente escolar de saberes que podem contribuir para uma projeção de desenvolvimento pessoal, econômico e social de um futuro de escolhas, autodeterminação e liberdade individual para o ambiente doméstico onde o marido tem o controle sobre tudo na vida dessa mulher, viver em submissão (Lerner, 2022).

A representatividade dessa mulher melgacense como um ser encantado e pode ser punida pelo homem adentra, pela teoria de Barthes (1975), o estudo da história ficcional, em seus elementos constitutivos, opera-se didaticamente na espécie gênero literário, expandindo o efeito da função, pois tudo é funcional numa narrativa e transporta nos meios comunicacionais um objeto absolutamente mágico que a Bôta para uma imagem de mulher que pode ser morta se equipando do imaginário e da narrativa para controlar essa mulher como uma imagem mítica de mercadoria na fabricação de mitos modernos (Barthes, 1957).

Dito isso, a função do fazer como categoria da emancipação, no conto: Uma mulher muito bonita, o falar e o ato de pegar o facão e passá-lo na cintura da mulher, fugindo em seguida, constituem-se como funções distributivas dessa narrativa. E, no outro conto, o pai dos dois irmãos conversa sobre a desconfiança em relação à mulher e sobre a necessidade de segurar os meninos dentro de casa na hora que ela surge, ficando à espreita para dar um tiro nela, pegando as pernas da mulher para provar as suas desconfianças.

Aqui o sentimento de desconfiança juntamente com o sentimento do ciúme traduz o ápice da realidade dos homens que vivem o sistema patriarcal e o machismo, este sentimento é o que proporciona a violência psicológica, moral, sexual e física nas mulheres, é o alicerce social que justifica a punição, a lesão corporal, a tentativa de morte e a morte das mulheres no Brasil, de maneira gradual vê-se aumento ano após ano sobre o feminicídio, conforme o Anuário de Segurança Pública de 2025 alinhados ao contexto da sociedade de Melgaço em Laplatine e Trindade (1997).

Jung (2000), explica que esse modelo básico de comportamento instintivo do homem, tem por sua natureza, traz uma força motriz especialmente forçada com a sua conscientização em analogias rigorosas de arquétipos inconscientes, com a construção de uma mulher perfeita e adequada de maneira subjetiva tanto individualmente quanto existente no coletivo social.

Em continuação analítica de Barthes (1975) com os contos, didaticamente separadas, a função do ser — que nos contos analisados corresponde às características do pai, protetor dos dois filhos; do pescador, paquerador; e das bôtas, portadoras dos encantos que fazem mal aos homens (funções integrativas) — é índice de unidades semânticas e metafóricas, correspondendo às características dos personagens, descrições, atmosfera, entre outros.

Há, ainda, a lógica de fundir a estrutura narrativa com a ideia de infinito combinatório dentro da linguagem (o que melhora o conhecimento narrativo), ao mesmo tempo, infinita e estruturada (Barthes, 1975). Essa linguagem é simples, de fácil entendimento, na qual se tem o entrelaçamento da estrutura do conto com o desencadear da história, provocando uma consequência de atos lineares.

O tempo e o espaço como última categoria descritiva, relacionados à teoria de Barthes (1975), são contados em um curto espaço de tempo. Nas narrativas de Monteiro, tem-se a percepção de que o enredo se passa em alguns dias. As ações dos personagens masculinos, depois da morte das bôtas, seguem o cotidiano sem preocupações com as consequências dos seus atos. O que pode ser revelado no aumento das estatísticas de violências de gênero mesmo com o aumento de pena imposta no judiciário, assim notadamente se descortina a impunidade masculina.

Por fim, os contos simbolizam as mulheres na representação de desigualdade de gênero, refletindo a realidade. Dessa maneira, pode-se subjetivar, nos dois contos, a

utilização do imaginário amazônico para poder controlar atitudes de comportamentos das mulheres, nos contos, sempre caladas. O real motivo é validar as ações do homem contra as meninas, adolescentes e mulheres na sociedade, que tem o machismo como estrutura do patriarcado, tendo controle e posse sobre os corpos das mulheres, descritas como perigosas em sua sedução.

Numa sociedade patriarcal, a mulher negra é inferiorizada e subalternizada em relação ao homem devido a interseccionalidade produzida pela violência e discriminação. Mesmo sendo chefe de família, está sujeita às violências de todos os tipos, incluindo o tráfico de mulheres e meninas para a exploração sexual até a sua morte, como se vê nos casos de feminicídio e nos índices elevados de mulheres menores de dezenove anos mortas na hora do parto.

No final, os personagens, heróis, tomam ciência de que as mulheres são seres encantados e poderiam realmente fazer mal, então na eliminação da mulher sedutora repousa o estado original do enredo, mantendo-se a relação de poderio (supremacia) do homem sobre a mulher melgacense.

## **Considerações Finais**

Este estudo procurou compreender como a figura da bôta-cor-de-rosa, presente nos contos *“Uma Mulher Muito Bonita”* e *“Uma Namorada e Dois Irmãos”*, de Walcyr Monteiro, contribui para a construção simbólica da representação da mulher ribeirinha da Amazônia paraense, particularmente no município de Melgaço (PA). Ao analisar essas narrativas fantásticas, à luz dos referenciais teóricos de Barthes (1975), Maffesoli (2010) e Laplantine e Trindade (1997), foi possível identificar não apenas suas estruturas narrativas, mas também os valores sociais, afetivos e culturais que elas carregam e reproduzem.

As narrativas analisadas estão inseridas no imaginário amazônico tradicional, no qual seres encantados, como o boto e a bôta, fazem parte do cotidiano simbólico e da oralidade de comunidades ribeirinhas. No entanto, as histórias da bôta expõem as relações de poder e gênero enraizadas em uma sociedade historicamente patriarcal, na qual a mulher é constantemente vigiada, controlada e punida. Ressalte-se que as estruturas narrativas descritas por Barthes permitiram uma leitura sistematizada das histórias, revelando que as ações das personagens seguem uma sequência lógica de encantamento, transgressão, punição e restauração da ordem.

Portanto, a imposição do sistema patriarcal e capitalista reforça a desqualificação de grupos historicamente oprimidos como as mulheres negras que ficam a margem da sociedade e assim como prática corriqueira e naturalizada das ações masculinas são violentadas em seus direitos de modo de vida, educação, saúde e na sua própria existência.

Essa estrutura narrativa se conecta diretamente à realidade social de Melgaço. O município, pior IDH do Brasil em 2013 (0,418), enfrenta vulnerabilidades severas, demonstram a sobrecarga e a exclusão vividas por essas mulheres, o que evidencia que a vulnerabilidade das personagens não está apenas na ficção, mas profundamente enraizada no contexto real.

A teoria do imaginário coletivo de Maffesoli permite compreender como essas narrativas não são apenas fantasias populares, mas representações simbólicas de uma estrutura social partilhada. A bôta representa, ao mesmo tempo, o desejo e o medo projetados sobre o corpo feminino. Nas palavras de Maffesoli, o imaginário funciona como “cimento social”, sustenta práticas, comportamentos e crenças, muitas vezes perpetuando formas sutis (ou explícitas) de dominação.

Por sua vez, Laplantine e Trindade reforçam que o imaginário não se limita à ficção, mas constitui um modo de compreender e representar o real. Assim, a fantasia da bôta é ressignificada socialmente para explicar e justificar eventos reais (como gravidez fora do casamento, comportamentos considerados desviantes ou relações proibidas), funcionando como instrumento de controle moral e disciplinar sobre as mulheres.

A escolha de narradoras mulheres, estudantes e moradoras de Melgaço, também é significativa, pois perpetuam e transformam essas histórias, ao contarem os relatos de seus antepassados, assumindo um papel ativo na reprodução da cultura oral. Porém, essas narradoras também são sujeitas à mesma lógica de gênero que estrutura os contos, pois mesmo ao contarem histórias, não escapam da condição de observadoras de uma realidade violenta e desigual.

Portanto, os contos analisados revelam mais do que elementos folclóricos: são dispositivos simbólicos que naturalizam a desigualdade de gênero e a opressão feminina no contexto ribeirinho. Ao fim das histórias, o retorno à normalidade e à vida cotidiana, após o “extermínio do mal”, reforça a lógica de que o corpo feminino sedutor precisa ser neutralizado para que a ordem social seja restaurada.



Conclui-se, assim, que o imaginário da bôta-cor-de-rosa, embora revestido de encantamento, cumpre um papel funcional na manutenção de valores patriarcais. Ele atua como mecanismo simbólico de regulação de comportamentos femininos, legitimando a violência, a desconfiança e o medo como instrumentos de preservação da ordem masculina. Essa análise revela o quanto o imaginário, mesmo quando travestido de lenda ou fantasia, tem implicações concretas na vida das mulheres amazônicas, especialmente aquelas que, como as de Melgaço, vivem em condições de vulnerabilidade social, econômica e cultural.

## Referências

- ATLAS DE DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL - **ATLAS BRASIL**. Índice de Desenvolvimento Humanos Municipal de Melgaço/PA. 2013-2017. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/150450>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- BARTHES, Roland. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de idéias. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-EDPUCRS/Famecos, 2001. (Coleção: Comunicação, 12).
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Mortalidade materna e infantil**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/mortalidade-desde-1996-pela-cid-10>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- ECO, Humberto. (org.). **História da beleza**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Recorde, 2004.
- FEDERICI, Sílvia. **Caça às bruxas e o capital: mulheres, acumulação, reprodução**. Org. Gabriela Palermo; tradução de Gisela Bergonzoni – São Paulo: Elefante, 2025.
- FUNDAÇÃO AMAZÔNICA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISA – FAPESPA. **Barômetro da Sustentabilidade do Município de Melgaço**, 2021. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.fapespa.pa.gov.br/wp-content/uploads/2023/12/BS\\_Melgaco-2021.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.fapespa.pa.gov.br/wp-content/uploads/2023/12/BS_Melgaco-2021.pdf). Acesso em: 21 jul. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Brasileiro de 2010 - Melgaço/PA**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/melgaco.html>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- LAPLANTINE, Francois; TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário**. Editora Brasiliense, 1997.

LERNER, Gerda. ***A criação da consciência feminista - a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal.*** Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

MAFFESOLI, Michel. **Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **Mitologias.** 4 ed. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2009, p. 152. Original foi publicado na França em 1957.

MONTERANI, Geisa Maria Batista; CARVALHO, Felipe Mio. **Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica.** *Revista Averso do Averso*, v. 14, p.167-178, nov. de 2016.

MONTEIRO, Walcyr. **Uma mulher muito bonita.** In: **Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia.** Editor: Walcyr Monteiro. n.3, ed. 2, 2000a.

MONTEIRO, Walcyr. **Uma namorada e dois irmãos.** In: **Viagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia.** Editor: Walcyr Monteiro. n.5, ed. 2, 2000b.

NUNES, Paulo. Amazônia, verbo transitivo e aquonarrativas. **Revista Asas da Palavra.**

Unama, v. 9, n. 2, Belém, 2019. Disponível em:

<https://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/1910>. Acesso em: 02 ago. 2025.

POJO, Eliana Campos; ELIAS, Lina Gláucia Dantas; VILHENA, Maria de Nazaré. As águas e os ribeirinhos: beirando sua cultura e margeando seus saberes. **Revista Margens.**

Universidade Federal do Pará. v. 8, n.14, Belém, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3249>. Acesso em: 02 ago. 2025.

**UOL Notícias.** Conheça Melgaço, no Pará, a cidade com o pior IDH do Brasil. Publicado em 08 de agosto de 2013. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/album/2013/08/12/conheca-melgaco-no-para-a-cidade-com-o-pior-idh-do-brasil.htm?foto=17>. Acesso em: 21 jul. 2025.